

Segunda geração ontem e hoje: continuidades e transformações nas experiências sino-brasileiras

Maria Victória Ribeiro Ruy

Nos estudos sobre imigração, convencionou-se chamar de segunda geração da imigração aqueles indivíduos filhos de imigrantes, mas que nasceram e cresceram no país de destino. Crescendo entre dois mundos e cruzando diariamente a fronteira entre o lar da família e a sociedade ao redor, a segunda geração vive de maneira especialmente latente as contradições da imigração e a ela cabe a tarefa delicada de negociar o seu pertencimento nacional. No presente artigo¹, trago as narrativas de vida de duas “segundas gerações” da imigração chinesa ao Brasil e proponho uma análise comparativa entre elas. O primeiro grupo de entrevistados é constituído por 8 sino-brasileiros² entre 40 e 60 anos de idade, cujas famílias se estabeleceram em Curitiba ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970, onde abriram pastelarias e lanchonetes. Todos nasceram e cresceram no Brasil, com exceção de Sérgio, que nasceu em Moçambique e se mudou para o Brasil na infância, após viver por um breve período em Portugal, e de Lucilina e Pedro, que viveram por cerca de um ano em Hong Kong quando eram crianças, retornando para Curitiba em seguida. O segundo recorte é composto por Ronaldo, com 19 anos de idade no momento da entrevista, cuja família se mudou para o Brasil em meados da década de 1990 – Ronaldo nasceu no Brasil, sua família voltou à China após seu nascimento, para 3 ou 4 anos depois se estabelecer no Brasil novamente. Após passarem alguns anos em Minas Gerais, a família se mudou para São Paulo, onde apostou numa empresa de confecção de roupas masculinas, junto de um sócio. Hoje, eles continuam atuando no ramo por meio da marca de *streetwear*, fundada por Ronaldo em 2020, a SHUI.

Uma vez que sendo eu, de certa maneira, também objeto deste estudo, cabe aqui apresentar a mim mesma, o que, por sua vez, explicará como cheguei aos entrevistados. Sou terceira geração da imigração chinesa e, dentre do primeiro grupo, estão meu pai e dois tios. Os demais entrevistados são parentes mais distantes ou não têm qualquer laço familiar comigo, mas foram ou são amigos próximos de familiares meus, de maneira que os pedidos de entrevista não vieram de uma completa desconhecida. Porém, este foi o caso com Ronaldo.

Certo dia, navegando no *Instagram*, me deparei com a página da sua marca de vestuário *streetwear*, a SHUI, que, de imediato, me chamou a atenção pela articulação de elementos visuais chineses com a moda urbana típica da cultura *hip hop*. Interessei-me em entrevistar Ronaldo porque, neste primeiro olhar, ele

parecia fazer aquilo que não encontrei nos outros entrevistados: identificava-se de maneira positiva, ativa e consciente, como descendente de chineses, e isso não só é bem recebido pelo seu entorno como se transforma em algo rentável.

Eu poderia, ainda, ter feito essa análise comparativa a partir de entrevista com um ativista sino-brasileiro, um caminho que foi considerado. Há pelo menos 8 anos, o movimento asiático-brasileiro vem se desenvolvendo a partir, primordialmente, de estudantes universitários e de pesquisadores do tema. Porém, como sou militante neste movimento, considere que seria pouco interessante um entrevistado do mesmo local de fala que o meu (ou de um muito próximo), uma vez que o ponto de vista ativista já está presente, talvez mesmo privilegiado, no olhar de quem produz o trabalho. A diferença entre mim e Ronaldo, então, foi mais um motivo para considerá-lo como entrevistado. Uma distância de espaços e contextos nos quais nos constituímos, mas também de idade, uma vez que pelo menos 8 anos de idade nos separam — poucos anos, mas que foram suficientes para que ele tivesse uma experiência racial já distinta da minha, e mais ainda da dos outros entrevistados, como será discutido mais adiante.

As famílias dos entrevistados mais velhos chegaram a Curitiba em um período em que a cidade crescia rapidamente. Suas pastelarias e restaurantes ficavam localizados em pontos estratégicos no centro da cidade, como próximos à rodoviária, a pontos de ônibus, fábricas, prédios públicos, colégios ou dentro do Mercado Municipal. A onda constante de novos contingentes populacionais chegando à cidade, o crescimento e a complexificação de suas atividades econômicas e o conseqüente fluxo diário de pessoas no centro urbano criavam uma procura crescente por comida de rua, que, além de simples e barata, agradasse a freguesia. Essa demanda não poderia ser suprida pelos restaurantes e confeitarias tradicionais, seja pelo preço dos seus produtos, seja pelo constrangimento que poderiam provocar nas camadas sociais menos privilegiadas, pouco habituadas com esse tipo de espaço. Mais voltados a momentos especiais e eventos sociais, mesmo aqueles com maior poder aquisitivo não poderiam frequentá-los diariamente. Em contrapartida, estabelecimentos como pastelarias, lanchonetes ou restaurantes oferecem comida rápida, mas, por sua vez, necessitam de uma clientela numerosa para poderem sustentar seus negócios. Para além das oportunidades abertas pela urbanização, estes chineses conheciam uma tradição de comida de rua (muitos, senão todos, viveram em Hong Kong antes de imigrar), o que pode ter facilitado sua percepção dos negócios e inserção no mercado:

O pai sempre dizia, que [o pastel] era só farinha, água e sal. As três coisas mais baratas que tem, farinha, água e sal. Mais caro que ele usava era o azeite, mesmo assim, né. (...) A comida, ninguém, povo nenhum, como diz meu avô, minha vó dizia, povo nenhum vai deixar de comer. (...)

Comida ninguém vai deixar de comprar, então você pode inventar um monte de coisa, mas a comida é certa que dá dinheiro.³

O ramo provia uma margem de lucro considerável, mas que só era possível às custas de trabalho árduo. Lucilina conta que, nos cálculos de seu avô, o valor de venda de um pastel poderia ser até quatro vezes o valor do custo com ingredientes. Nessa conta, entretanto, ainda se somavam as muitas horas na produção dos pastéis e os longos expedientes nas pastelarias, que abriam de manhã cedo e só fechavam tarde da noite. Como explica Mei Qim:

E como a gente só sabia trabalhar nesse ramo de alimentação, era um comércio que você tinha o recebimento rápido do teu investimento. Só que investimento maior, eu entendo, na época, e não conheci uma vida diferente dessa, que era sempre trabalhar, trabalhar muito, né.⁴

O trabalho era realizado, primordialmente, pela família proprietária, sem poder dispensar a participação das crianças. Os entrevistados contam que eles e seus irmãos começavam a trabalhar por volta dos 7 ou 8 anos – alguns apresentaram certa dificuldade em apontar esta idade, já que gradualmente iam de acompanhar os pais e realizar tarefas mais simples (como avisar aos pais o momento de fervura do leite) a exercer funções de maior responsabilidade (como reabastecer geladeiras, operar o caixa, limpar o chão e mesmo operar a máquina de pastel ou cozinhar). À medida que a família se estabilizava, a tendência era de que as crianças fossem poupadas do trabalho (exercendo-o apenas nas férias escolares, por exemplo) e a participação de chineses contratados ou de funcionários brasileiros fosse mais significativa.

Uma reportagem do jornal *Diário do Paraná*, de título “Veja o exemplo dêste [sic] brasileiro”, de 1971, começa contando sobre um menino de 10 anos que chamou a atenção do jornalista pela sua habilidade exímia com o brinquedo bolim-bolacho. A entrevista, entretanto, toma outro rumo quando o garoto afirma que não poderia falar com o jornalista porque estava cuidando, sozinho, da pastelaria do pai e do sócio deste até a irmã de 14 anos chegar. O garoto é filho de imigrantes chineses e, “mesmo trabalhando todos os dias das 13 às 19 horas, ainda consegue se classificar entre os 10 primeiros alunos da classe”. O menino se revezava entre as duas pastelarias do pai, onde costuma trabalhar no caixa, “função que desempenha com eficiência. Nunca erra as contas, dois pasteis, uma sfiha [sic], dois quibes, duas Cocas e uma Fanta (diz um [cliente]). O menino olha pra cima um instante e já diz o preço”. Todos os irmãos e irmãs do menino trabalham, com exceção da mais nova, de quatro anos – um irmão de 6 anos “já ajuda o pai”.

A divisão de trabalho também se dava a partir das relações de gênero, ao menos entre os pais. Numa reprodução do ambiente doméstico, alguns relataram que as mães tinham menos contato com o público, tendo menos domínio do português⁵. Em algumas entrevistas, ainda foi mencionado que a mãe assumia a maior parte das responsabilidades na pastelaria, enquanto o pai não estava sempre presente. Entre os filhos, as tarefas eram por vezes partilhadas a partir de uma hierarquia etária: “é tipo cadeia né, os mais velhos que manda né [risada] sempre assim”⁶. As crianças e adolescentes se revezavam no caixa, abastecendo as geladeiras com garrafas, passando café, atendendo clientes, limpando o local, e passando a massa na máquina de pastel. O dia começava ao amanhecer quando preparavam a pastelaria com os pais para o dia – em seguida, alguns iam à escola de manhã, outros de tarde. Depois da escola, voltavam a trabalhar.

Quando a família chega a Curitiba, vinda de São Paulo, e abre um restaurante, Mei Qim conta que ela, aos 12 anos, e o irmão de 15 eram responsáveis pelo atendimento aos frequentadores – ela no balcão, e ele atendendo às mesas. Os pais ficavam na cozinha, e a família não podia arcar com funcionários naquela época: “a gente trabalhava tanto que [risada] de noite do jeito que deitava na cama, amanhecia, de tão cansado”⁷. Cerca de dois anos depois, a família já possuía dois restaurantes, sendo que a cozinha de um ficava sob responsabilidade da mãe, e a cozinha do outro, sob os cuidados de Mei Qim, aos 14 anos. A entrevistada conta que, nesse período, chegou a estudar em uma escola particular por esta ser mais próxima do restaurante e, assim, poderia frequentar as aulas pela manhã e chegar a tempo de trabalhar no almoço. Ela só almoçaria por volta das três da tarde, quando já não havia mais clientes para atender.

A participação dos filhos no comércio auxiliava os pais não só nas tarefas manuais, mas também cumprindo um papel fundamental na comunicação com clientes, fornecedores, entre outros. A geração nascida no Brasil via de regra tem melhor domínio do português – embora essa fluência (e também as habilidades sociais necessárias para tais interações) não tenha sido adquirida sem adversidades. O trabalho na pastelaria contribuía em igual medida ou até mais do que a escola para desenvolver maior habilidade com a língua portuguesa, segundo Lucilina:

Esse choque de cultura pra criança era terrível. Porque em casa você falava o chinês, e lá na escola você falava o português, né...e mas como eu e o Pedro [seu irmão] tínhamos, vamos dizer assim, ajudava meu pai também na pastelaria, então você tinha muito contato com pessoas diferentes né. E você acaba falando a língua natal, vamos dizer assim...então a gente acabava falando as duas, mas mais o português, por causa do contato com os fregueses. (...) Então muitas coisas o meu pai não entendia, às vezes o freguês falava, a gente explicava, “não pai, não é isso, era

isso que ele quis dizer, era isso que ele queria”, sabe...porque pra eles [os pais e avós] não sabendo a língua, trabalhar no comércio era, né, não era fácil, até aprender a língua.⁸

O aspecto penoso dessa rotina foi o mais enfatizado pelos entrevistados. Houve também menção às brincadeiras de criança e aventuras da juventude, mas que sempre aconteciam em contexto de fuga da rotina, e não como parte dela: “Era ficar na pastelaria e ir pra escola. Pastelaria e ir pra escola. Às vezes a gente fugia também, pra brincar de carrinho rolimã né. O pai deixava, ele sabia. Mas a infância foi assim”⁹. A maneira como os entrevistados percebem o trabalho infantil oscila entre uma relação amargurada, por conta das privações na infância, e a aceitação de que ele era moralmente necessário para a educação das crianças. Mas, sabem que a sociedade atual avalia de outra forma aquela realidade que viveram na infância. Eles reconhecem como certos trabalhos eram totalmente inadequados para crianças – as caixas que usavam para alcançar o caixa ou a máquina de pastel facilmente quebravam, eles com frequência se cortavam com garrafas quebradas ao abastecer as geladeiras e manejavam bebidas alcólicas sem supervisão. Foram empregadas expressões como “era puxado”, “infância interrompida”, “trabalho duro” e “ter de amadurecer rápido” para descrever esse período de suas vidas.

A resignação, por vezes, dá o tom dessas narrativas sobre a infância. A explicação de que o trabalho infantil foi necessário, não opcional à família, aparece em algumas das entrevistas. “Eu lembro, acho que tinha seis anos, sete anos, eu nem alcançava o caixa. O Pedro também, o pai fazia a gente trabalhar direto. Trabalho infantil né [risada]. Tinha que ajudar mesmo né”¹⁰. A indispensabilidade do trabalho infantil, entretanto, não é comum a todas as – ainda que nenhum dos entrevistados tenha condenado ou reprimido a atitude dos pais, há variações na forma como esta é percebida. Enquanto há quem veja o trabalho na infância como algo inevitável, e até mesmo engrandecedor e espontâneo por parte das crianças; há também os que carregam certo ressentimento no narrar, evitando estender-se em mais elaborações para além das descrições.

Na leitura de Mei Qim, o trabalho familiar mantinha a família unida, e imbuía os filhos de propósito e autoestima. Ela rememora se sentir responsável por e merecedora da segurança financeira conquistada pouco a pouco por eles, não atribuindo à relação pais e filhos um antagonismo, mas o contrário. Sem deixar de mencionar os sacrifícios, a entrevistada atribui à experiência o desenvolvimento apenas de aspectos positivos da sua personalidade, como a tenacidade e a perseverança. Ela tem a compreensão de que essa relação com o trabalho era, em parte, algo que a própria condição de imigrante exigia. A percepção era de que não havia espaço para o fracasso ou a desistência para a família deslocada – já que não teriam a quem pedir ajuda e nem outras formas de sobrevivência às quais recorrer, não havia outra saída senão voltar todos os esforços possíveis para manter-se pelo comércio:

Tipo assim, uma coisa que eu tenho muito clara na minha lembrança é que, quando o chinês, principalmente, que é o que eu conheço, sai de seu país, ele chega no outro país, não tem chance de errar. Não pode dar errado. Porque não tem como se manter, né, não tá no seu país de origem, então não pode dar errado. Daí é abaixar a cabeça e trabalhar mesmo.¹¹

Ainda que, diferentemente destes entrevistados, Ronaldo não tenha trabalhado com os pais quando criança, de maneira semelhante a eles sua infância foi marcada por um latente senso de responsabilidade em relação à família e sua condição financeira. Após a vinda para São Paulo, os empreendimentos do pai não deram o resultado esperado, o que acarretou uma série de endividamentos – Ronaldo conta que sua família era muito pobre na China, e seus pais de baixa instrução, de modo que os negócios que conduziam no Brasil eram de risco considerável e concretizados graças a empréstimos e sociedades. Como ele me explicou, os empreendimentos de imigrantes chineses contemporâneos precisam fazer altas apostas e “avançar com tudo” para conseguir ocupar um lugar no ramo:

Porque os chineses, eles, tipo, na minha visão, eles focam muito em experiência própria, escolhem um nicho que querem atuar, de venda, e eles avançam com tudo. Por exemplo, nicho de vestuário, eletrônicos, ou restaurante, ou cosméticos...e quando eles escolhem bem certo o nicho eles investem com tudo. E fazem tudo sob escala.¹²

Os problemas financeiros e a rotina de trabalho intensa para tentar resolvê-los afetaram profundamente a dinâmica da família. Os pais brigavam muito entre si e podiam dar cada vez menos atenção ao filho, que, então, tinha entre 10 e 12 anos. Como consequência, Ronaldo chegou a ser reprovado no segundo ano na escola e ter notas ruins no ano seguinte. Mais de uma vez, ele descreve a si mesmo como “ingênuo”, à época, num tom que poderia ser de autocrítica, como quem esperava de si uma maturidade excepcional para a idade, demonstrando, assim como os outros entrevistados, a percepção de que ele, mesmo criança, tinha uma carga de responsabilidade para com a família.

Ronaldo conta que sua dificuldade na escola estava muito relacionada ao fato de que ele “não sabia o que fazer”. Sem acompanhamento dos pais (que, afinal, sabiam ainda menos), ele não sabia que lições deveria fazer, que livros ler ou o quê deveria estudar para provas. Um drama clássico da segunda geração da imigração, Ronaldo teve de aprender sozinho como navegar pela escola e outros espaços, isto é, se inserir na sociedade. Ele conta que seus pais não frequentavam as reuniões da escola, o que lembra o relato de Pedro, que chegou a fazer ele mesmo a sua matrícula na escola:

Que nem no colégio, o pai nunca foi no colégio, negócio de reunião dos pais, dia dos pais, colégio Hildebrando de Araújo, o pai nunca foi. Eu me lembro ainda quando tinha apresentação, abria a cortina lá encontrava o pai de todo mundo, menos meu pai e minha mãe. Então isso marca a gente né.¹³

Meus pais eles não iam em uma reunião, eles, tipo, não entendiam de nada, e a única coisa que eles falavam pra mim era “estuda, estuda bastante, eu quero que você seja rico quando você crescer”. Isso era só o que eles falavam.¹⁴

Em meio ao desamparo, Ronaldo ainda carregava a expectativa de que, pelo seu estudo, ele poderia enriquecer e, portanto, sua família também. Ele relembra um episódio no qual a mãe, chorando por conta das dívidas, lhe pede que estudasse muito pois esta seria a saída. Seria nessa época que ele começou a “a estudar muito e me dedicar muito na escola”, até que suas notas passaram a ser todas 8 ou 9. Concomitante à dedicação aos estudos, Ronaldo começou a se experimentar no empreendedorismo, inspirado pelo que aprendia ao observar os pais. Em dado momento do ensino fundamental, ele passa a comercializar facas *butterfly*, utilizadas para fazer manobras e apreciadas por ele e pelos amigos da escola. No auge das vendas, um garoto de outra escola chegou a ser seu revendedor e os rendimentos da empreitada somavam até 2 mil reais ao mês. Mais tarde, um desentendimento com outro aluno, que o acusou perante a diretoria de ter intenções de usar uma das facas para feri-lo, resultou na expulsão de Ronaldo daquela escola. Essas primeiras experiências empreendedoras serviram de base para sua entrada no mercado de revenda de *sneakers* e na fundação da sua marca de *streetwear*, às quais voltaremos mais tarde.

Mas uma dimensão da experiência escolar do entrevistado era a do *bullying*, com as consequentes brigas em que se envolvia e o comportamento agressivo que acabou por desenvolver. Ronaldo tem a compreensão de que o fato de ser “asiático chinês” e de imigração recente acentuava a discriminação que sofria – possivelmente, ele estava traçando uma comparação com os nipo-brasileiros, que, além de serem maioria entre os asiático-brasileiros, usualmente são terceira ou quarta geração da imigração, e, portanto, tendem a estar mais assimilados aos costumes brasileiros. Os episódios de *bullying* são algo que ele faz questão de ressaltar na sua narrativa:

Daí eu sempre brigava, brigava muito na escola. Eu era o único asiático chinês na escola, então por eu ser um asiático de geração mais nova, eu cheguei no Brasil com muitos costumes diferentes. Então eu sofria muito *bullying*, muito, muito *bullying*.(...) Enfim, era só um ponto que eu queria ressaltar que eu sofria muito *bullying*, segundo ano, terceiro ano, por ser o único asiático e tal...¹⁵

Entre os “costumes diferentes” que causavam estranhamento, ele menciona o hábito de emitir ruídos ao comer, normal para os chineses, mas considerado execrável pelos brasileiros. Quando pergunto se ele se recorda de outros choques culturais além deste, ele diz que “Eu não lembro agora. Porque hoje em dia eu tento esquecer ao máximo algo que me incomode”¹⁶. Ronaldo gostaria, então, de deixar para trás essas memórias e comportamentos, mesmo enquanto reconhece que o *bullying* foi definidor da sua infância e adolescência:

Eu, como eu era um menino muito isolado, e chinês, eu tenho um ego muito alto. Eu não gosto de sofrer *bullying* e deixar quieto, sabe. Eu sou uma pessoa que, se eu deixo quieto, eu fico guardando muito fortemente em mim, e se eu explodir eu explodo de uma vez só (...) Eu ficava bravo toda hora, na infância eu era uma pessoa bem explosiva.¹⁷

O *bullying* também foi mencionado pelos entrevistados mais velhos. Esther não hesitou em enfatizar como esses episódios eram comuns e se estendiam para além do espaço escolar. Seu irmão mais velho, como Ronaldo, se envolvia em brigas decorrentes das discriminações. Ela identifica o *bullying* como algo que hoje é combatido, mas que, na sua época, era ignorado por professores e outros funcionários – segundo o relato de Ronaldo, porém, percebe-se que essa mudança no ambiente escolar não se realizou plenamente. Esther detalha:

Nooossa, essa época, acho que tinha muito *bullying*, nossa, meu irmão chegava a brigar. Falavam aquele negócio de barata, não sei o que, sabe? Tinha até uma musiquinha naquela época lá. Então, assim, era muita encheção de saco, sabe? Era muito *bullying*. Tinha muito *bullying* na escola. Meu irmão que era mais, mais velho né, ao invés de pegar e deixar quieto, não, ele ia em cima, claro. Nossa, meu irmão ou batia ou ele apanhava, ali tinha bastante *bullying*. Hoje em dia se for *bullying*, já leva uma advertência, alguma coisa, naquela época não tinha nada. Tinha que ficar escutando coisa e ficar quieto (...) No ônibus também, não era só na escola, no ônibus também, no terminal. Era qualquer lugar que a gente ia, a gente escutava.¹⁸

Embora não seja o caso de Esther (talvez não por coincidência, uma das duas entrevistadas mais jovens deste grupo), os demais entrevistados que usam o termo *bullying* o fazem num tom que beira o irônico – possivelmente, ressaltando o anacronismo em chamar de *bullying* episódios que aconteceram nas décadas de 1960 e 1970. Definido como “atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente no ambiente escolar”, o termo *bullying* foi forjado ao fim da década de 1970 e

só passa a ser largamente utilizado no Brasil ao longo da década de 1990. Como Esther menciona, então, à época em que esses entrevistados eram crianças ou adolescentes, não havia espaço, mecanismos ou legitimidade para denunciar essas agressões – e como a narrativa de Ronaldo demonstra, mesmo hoje, por vezes, ainda não há. Restava, então, as opções de brigar (ou se impor, como Lucilina coloca no trecho seguinte) ou ignorar (ou superar, também nas palavras dela). Lucilina conta que ela sabia “se impor” e “revidar”, e também “não dar bola”:

Eu acho que muito, muito, muito quando era muito pequena, acho. Né. “Ô japonesa, ô japonesa, ô olho rasgado”. Mas...superava, superava. Eu me impunha bastante também. Então eu me lembro de umas épocas de escola quando riam, eu já revidava, não ficava quieta não, né. Então também não dava bola, né. Isso quando a piazada queria mexer com você, né. Você também deve ter passado por isso.¹⁹

À diferença de Ronaldo, alguns dos entrevistados mais velhos se esforçam em amenizar esses episódios quando os relatam, além de buscar justificar as ações de quem proferia os insultos. As ocorrências são tratadas como meras brincadeiras, sem más intenções, inofensivas ou fruto da baixa instrução das pessoas, como relata Pedro:

Não é só adulto não, na adolescência, criança, na infância. Na infância, no colégio, era assim. Não era muito, mas era mais tirar sarro. Chegava ali era, não sei se porque tava em três, quatro, chegava e falava “ô japonês da cara chata, come queijo com barata”. E daí continuava amigo do mesmo jeito. Aí chamava japa, olho rasgado, mas nunca falava em uma frase ofensiva. Era mais para tirar sarro, né. Então nunca fui assim, de ofender. Pegavam no pé bastante. Mas não discriminava, né.²⁰

Se o termo *bullying* estava na boca de entrevistados de todas as idades (ainda que em graus distintos de legitimidade), apenas Ronaldo falou em racismo. Sendo a percepção do racismo como uma das indagações que eu tinha para as entrevistas, tomei o cuidado de não usar o termo antes do entrevistado, a fim de poder notar se ele o usaria espontaneamente. Ele o fez quando falávamos sobre o *meme*²¹ do “pastel de *flango*”, um tropo que representa os chineses como desonestos nas relações comerciais, inassimiláveis e de hábitos alimentares repugnantes (mas que, segundo Ronaldo, “tinha *memes* até piores, antes”) e que é frequentemente usado contra pessoas de origem asiática, na internet e fora dela:

MV - Você tem a impressão que você ouve menos esse tipo de coisa hoje em dia?

RP - Eu acho que, desde a minha infância até hoje em dia, alguns tipos de racismo foram encarados como cada vez piores, mais como coisa, como algo péssimo. Mas que acabou, ainda não, continua bastante. O que ajudou bastante, na verdade, foi, por mais engraçado que seja, foi os *doramas* e os BTS.

MV - Ah, imagino.

RP - O *K-Pop* que veio pro Brasil ajudou muito a fama dos asiáticos.²²

Os *doramas* aos quais Ronaldo se refere são as novelas coreanas, também chamadas de dramas coreanos ou *K-Drama*, que estouraram entre o público brasileiro pouco após a chegada do *K-Pop*, a música pop coreana. Estima-se que o gênero musical começou a ser consumido, no Brasil e no Ocidente como um todo, por volta de 2015. O *debut* do grupo BTS (mencionado pelo entrevistado e principal representante do *K-Pop* atualmente) na TV estadunidense foi uma performance durante a cerimônia do *American Music Awards*, no fim de 2017, e marca o reconhecimento do fenômeno por parte da indústria da música ocidental. Em 2019, na quarta vinda do grupo ao Brasil, o BTS realizou dois shows no Allianz Parque, em São Paulo, cada um deles para um público de 40 mil pessoas²³, e, em 2021, foi o terceiro grupo musical mais ouvido no *Spotify*, a maior plataforma de *streaming* de música do mundo. Não é de espantar que Ronaldo relacione a influência do *soft power* coreano com sua própria experiência racial – talvez pela primeira vez no contexto ocidental, rostos masculinos asiáticos são amplamente considerados atraentes²⁴, ainda que este fenômeno se concentre nas gerações mais jovens.

Mesmo recém-saído da adolescência, o entrevistado já constata, em sua experiência de vida, uma transformação perceptível na consciência geral sobre discriminações raciais. Seguindo nessa linha, comentei que tenho a impressão de que a geração de nossos pais ouviu coisas ainda piores do que “nós” (eu e Ronaldo), ao que ele concordou: “Nossa, muito mais. E eles enxergavam alguns certos racismos como se fosse algo normal”²⁵. Ronaldo fala em racismo sem titubear ou sentir necessidade de explicar-se, e aqui percebi uma diferença entre nós dois. Para que eu nomeasse de racismo os episódios de ofensa racial que experienciei, foram necessárias leituras, longas conversas (com pesquisadores, ativistas) e rodas de debate. Ainda assim, dependendo do interlocutor, sinto a necessidade de explicar que asiáticos (ou amarelos) são também sujeitos racializados, no receio de não ser compreendida. Ainda que, claro, não seja possível inferir que todos os jovens asiático-brasileiros da idade de Ronaldo tenham a mesma leitura que ele, acredito ser essa uma demonstração da emergência da pauta racial no debate público, o que naturalmente impacta em especial as gerações que vivem seus anos formativos nesse contexto.

Essa distância é maior ainda em relação aos entrevistados mais velhos, cujas narrativas se assemelham em muito às dos entrevistados pela psicóloga e pesquisadora Laura Ueno (2020), em sua pesquisa a respeito dos relacionamentos

interraciais entre amarelos e brancos e amarelos e negros. Ueno notou entre os participantes uma “etiqueta social tácita de não falar de raça nem racismo”, e que, quando perguntava a eles se imigrantes amarelos sofreram preconceitos no Brasil, quase todos simplesmente “não reconheciam a validade” da pergunta, mesmo após a entrevistadora repeti-la. Ela considera, então, que

Isto leva-me a constatar que a discriminação institucionalizada contra chineses e japoneses no Brasil permanece como uma espécie de segredo reprimido. O apagamento de parte traumática da história e da memória do próprio grupo foi um projeto muito bem-sucedido (UENO, 2020, p. 133).

Os entrevistados por Ueno também mencionaram estereótipos e insultos raciais que os acompanham desde a infância, e, da mesma maneira, buscaram “interpretar estas situações como brincadeiras inofensivas, suprimindo eventuais constrangimentos”. A partir da pensadora Gislene Aparecida dos Santos (2004), Ueno aponta que, no racismo brasileiro, a subjetividade é definidora do que configura um episódio racista ou não: “Para Santos (2004), na sociedade brasileira, algo que permite que o racismo se imponha é a permanência de um espaço gradativo definido não pelos fatos, mas pela subjetividade, para se avaliar o que é de fato considerado um acontecimento racista e violento” (UENO, 2020, p. 130). Essa elaboração encontra consonância nas falas de alguns de nossos entrevistados, como quando um deles diz que “nunca fui assim, de [me] ofender” – não importa o que lhe fosse dito, sua postura era de não reconhecer a ofensa. O real conteúdo dos disparates, portanto, não é tão importante quanto a escolha do sujeito racializado em considerá-los ofensas raciais ou não – e, quase sempre, não fazê-lo é o que socialmente se espera, o que aparentemente melhor preserva as relações interpessoais e o que parece ser a estratégia mais interessante ao próprio alvo da ofensa, na avaliação deste. Porém, Ueno alerta que “a supressão psicológica não é uma estratégia adaptativa interessante em termos de transformação social, traz prejuízo à memória e à saúde mental” (UENO, 2020, p. 134).

O entendimento das motivações socio-históricas da discriminação (ou as que atravessam o contexto familiar) cumpre um papel importante para a compreensão de si e para que o sujeito recupere sua noção de agência, uma vez que explica que tais situações não são resultados de falhas pessoais mas condicionadas por um contexto maior. A função da objetivação de sua própria realidade e a de sua família para a segunda geração da imigração é tratada pelo sociólogo Abdelmalek Sayad (1998), que nomeia esse processo de socioanálise. O autor desenvolveu seu texto *Filhos ilegítimos* a partir de entrevistas com Zahoua, uma jovem filha de imigrantes argelinos, nascida e criada na França. Se, em um primeiro momento, a contradição fundamental da imigração (na definição de

Sayad, a situação que se pretende temporária mas que é, de fato, permanente) é relativamente possível de ser ignorada, esta se torna absolutamente evidente quando a segunda geração entra na idade adulta e se revela definitivamente “estrangeira” aos pais (da mesma maneira, os pais se tornam estrangeiros perante os filhos). Zahoua identifica a quebra de expectativa de seus pais na sua conduta como jovem mulher, nas suas escolhas de vestimenta, de não casar e de ingressar no ensino superior. Nas narrativas dos entrevistados, conflitos semelhantes foram mencionados, em especial em relação ao casamento, e, em alguns casos, à educação, especialmente no caso das mulheres. Lucilina conta que o pai e a avó não viam razão para que ela seguisse estudando após o ensino básico, e que o plano deles para ela era arranjar-lhe um casamento com um rapaz chinês de “boa família”:

“Pra que que você vai estudar?” Minha avó, principalmente, e ele [o pai]. “Por que você quer estudar? Você não tem mãe. Você tem que casar bem.” E a minha avó me levava para São Paulo para conhecer várias famílias, ah fulano, ó siclano. Ela tava arranjando uma boa porta pra mim, em chinês ela dizia, tô arrumando uma boa porta para você, né...ela falava em chinês...*hao men hao*...quer dizer, uma boa porta.²⁶

Quando perguntei à Lucilina se ela então tinha algum interesse nesses arranjos, ela me respondeu prontamente: “Nenhum!”. Ela recorda se sentir especialmente revoltada com a ideia do dote, que seria pago pela família do noivo à sua família. Posteriormente, Lucilina cursou faculdade e se casou com um “brasileiro”. Ela dá a entender que esse período, entre o fim da sua adolescência e início da vida adulta, foi marcado por muitos “bate-bocas” com o pai e a avó. Nem todas as famílias tinham a mesma opinião sobre as vantagens dos estudos dos filhos. Nos casos de Suzana e Sérgio, os pais faziam questão de que todos completassem um curso superior, ainda que alguns destes também dessem continuidade às atividades comerciais familiares.

Já quanto aos matrimônios, todos os entrevistados mencionaram alguma expectativa de casamento intraétnico por parte dos pais. Mei Qim deu ênfase especial à questão dos estudos: ela conta que se esforçava em tirar boas notas para que pudesse apresentá-las ao pai e convencê-lo a não tirá-la da escola. Esse conflito se acirrou até ela fugir de casa, aos 16 anos, e buscar refúgio na casa do irmão. Não muito tempo depois, ela se casa com outro sino-brasileiro (como desejavam os pais), conquistando, assim, uma autonomia como casada que ela não tinha como filha, conseguindo continuar com seus estudos e concluir a faculdade. Suzana, a mais nova de quatro irmãos, nota que essa “pressão” por um “casamento chinês” foi muito maior para seus irmãos mais velhos, em especial para o irmão que, como único rapaz, ficaria encarregado de dar continuidade

ao nome da família. Enquanto a avó de Lucilina a levou para conhecer famílias e potenciais noivos em São Paulo, a mãe de Suzana chegou a levar o irmão da entrevistada para conhecer moças na China. É bastante pertinente pensar que, como sugeriu Suzana, os primogênitos recebessem maior carga de expectativas por um casamento intraétnico – nas palavras dela, “acho que eles já estavam meio cansado dessa história”²⁷. Zahoua, a entrevistada de Abdelmalek Sayad, também é a caçula da família, e conta que com ela os pais desistiram, ou nem iniciaram, certos enfrentamentos.

Podemos pensar que essa tensa negociação entre pais e filhos começava com os primogênitos, com mais intransigência por parte dos pais e, à medida que se conformavam ou se deparavam com os custos desses embates, a margem de negociação para os mais novos se alargava. Percebemos nas narrativas que alguns filhos dão a entender que simplesmente desistiram dessa negociação, por vezes rompendo os laços familiares, enquanto outros buscaram certa conciliação. Lucilina conta que sofreu mais resistência por ser a “pioneira” nos relacionamentos interétnicos na família, mas que a rejeição foi vencida, pacientemente, na base da convivência ao longo de muitos anos – em alguns casos, os pais dos entrevistados levaram 10 ou 15 anos para “aceitar” os genros e noras “brasileiros”. Sayad explora o fosso entre os dois mundos, o argelino e o francês, e como, para a comunidade e para a família de Zahoua, a exogamia (ou casamento interétnico) é considerada uma traição à família. Os “filhos da França”, isto é, aqueles crescido em território francês, são considerados “maus filhos” e estão “fora” da comunidade. Uma percepção semelhante aparece internalizada por um de nossos entrevistados, após contar que não tinha interesse em se casar com uma das “chinesas” apresentadas pelo pai: “não sei se eu que era bicho ruim”.

Com o passar dos anos, entretanto, Sayad diz que o pai “evolui” e se torna mais tolerante. As filhas conseguem, aos poucos, se impor e conquistar autoridade – em parte, por conseguirem cumprir o papel de trazer dinheiro à família, função que se esperava que fosse cumprida pelos filhos. Zahoua é levada a objetivar sua situação, isto é, conferir a ela uma existência concreta para além da dimensão subjetiva, para poder compreendê-la – fazê-lo é quase uma necessidade vital para a jovem. Dividido entre dois universos de significados, as contradições que o imigrante carrega em si se projetam em todas as coisas, e, em especial, na relação infeliz entre pais e filhos. Graças a essa compreensão objetiva da identidade social dos imigrantes, a socioanálise, Zahoua alcançou um “equilíbrio mais feliz”, compartilhado por seu pai. A socioanálise, então, tem uma “função de libertação”, permite “viver melhor o sistema de contradições da imigração” e “contribui para restaurar a integridade de uma identidade que a emigração deslocou” (SAYAD, 1998, p. 233).

A afirmação “é cultural” apareceu em mais de uma entrevista para explicar as diferenças com os pais. No trecho a seguir, Mei Qim descreve a si mesma como alguém formada pelo entrecruzamento das culturas chinesa e

brasileira; a primeira, aprendida em casa, e a segunda, aprendida “da porta pra fora”, que, quando trazida por ela para dentro do lar, produzia o choque entre dois mundos:

Então eu acho que a cultura chinesa ela segue uma linha, e a cultura brasileira, ela tem outra linha. E eu me sinto uma pessoa misturada, com as duas formações né. Por que? Porque eu tinha uma formação dentro de casa, e da porta pra fora, eu tinha um contato com outra cultura. E eu, de certa forma, eu trouxe isso pra dentro de casa. Eu sempre fui uma pessoa que questionava muitas coisas. Questionava posturas, pensamentos.²⁸

Mesmo que a relação entre Mei Qim e o pai tenha sido, ao que pareceu, uma especialmente tensionada (a ponto de, na leitura, ela ter mais liberdade como esposa do que como filha), ela conta que conseguiu compreender a forma de pensar do pai, estabelecer um diálogo e uma relação feliz com ele, o que considera uma grande sorte. Lucilina descreve esses conflitos como algo da juventude, e que a distância entre o pai e a avó e ela, que ambos os lados percebiam como algo tão grande, rapidamente, com a idade e o passar dos anos, diminuiu, ou, nas palavras dela, “evoluiu”:

Hoje você dá razão, pra muita coisa, muita coisa, né... quando se é nova, a cabeça ah né, “você tá atrasado, você não sei o quê”, só que o tempo passa tão rápido, tua idade vem tão rápido, que na minha cabeça, e na cabeça deles, a distância é muito grande, né...só que a evolução também é rápida, né. (...) Então se você vê, pô, meu pai é um herói. Só que na época, quando eu tinha a tua idade, nossa “que ultrapassado, você é papapa”...entende? Claro que batia boca.²⁹

A socioanálise também compõe a narrativa de Lucilina quando ela estabelece comparações com outras imigrações ao Brasil. Ao observar senhoras de origem japonesa, Lucilina compreende que o deslocamento faz com que os imigrantes “parem no tempo” em relação ao costumes, vivendo numa temporalidade outra, que também não existe na terra natal. De certa maneira, essa percepção também reconhece nela uma adaptabilidade que é menor ou ausente em seu pai e em sua avó:

Então, vamos dizer assim, duas gerações atrás ou três gerações atrás trouxeram aquilo, permaneceram. Então o holandês, o italiano, todos os povos que vieram para o Brasil né, pararam no tempo. O chinês também, o japonês também. Se você pisa no Japão hoje, não tem nada a ver com as velhinhas que vieram de lá em 1940, né. Então pra elas lá, aqui o que trouxeram de lá pararam, né.³⁰

O passar do tempo e o amadurecimento, então, abriram espaço para apaziguar conflitos, para sentir orgulho do pai e valorizar seus ensinamentos. Ainda mais importante, assim como Mei Qim ao se definir a partir das duas culturas, Lucilina percebe que a influência do pai faz parte de quem ela é: “Então muita coisa hoje, com a idade que eu tenho, voltando atrás, os ensinamentos que ele me passou foi muito útil, nossa. Principalmente o comércio, família, culturas, né...exemplo, atitudes. Então tudo isso...*fez você, né.*”³¹.

Sendo esse um tema tão presente nas entrevistas com o primeiro grupo, não poderia deixar de perguntar sobre isso para Ronaldo. Ele confirma que os pais também têm essa expectativa, e explica de maneira especialmente lúcida a contradição que vive entre querer contrariar os pais e, ao mesmo tempo, ser profundamente influenciado por eles:

Eh, meus pais, eles sempre me pressionaram a me casar com chinesa. E tipo, é...eu sou uma pessoa que sou muito teimosa, eu não gosto de ouvir meus pais, só que eu sempre acabo ouvindo e acabo inconscientemente querendo isso, a mesma coisa que eles. Por exemplo, eles falam assim “ah come essa batata”, na frente deles eu vou cuspir a batata no prato, mas a hora que eles forem embora eu vou comer toda a batata. Eu sou muito assim.³²

Em seguida, Ronaldo conta que está namorando uma “brasileira”; seus pais não chegaram a ser “contra” isso, ainda que prefiram uma “chinesa”. O fato de Ronaldo estar garantindo boa parte do sustento da família faz com que seus pais não tenham espaço suficiente para se opor ao relacionamento. Não fosse por isso, a situação seria diferente: “se eu fosse um estudante de 19 anos, só na escola, e eles fossem super ricos agora, eu tenho certeza que eles iam me proibir de namorar com brasileira”³³. É em especial no terreno dos negócios que a narrativa de Ronaldo indica que ele possui uma adaptabilidade, a qual falta aos pais. O negócio da família estava entrando em um bom ritmo quando foi duramente impactado pela pandemia de Covid-19, em 2020. O entrevistado entende que lhes faltou “flexibilidade” para enfrentar a crise:

O ruim dos meus pais serem chineses muito conservadores, é que eles só vendem pra chineses. Eles tavam fazendo roupa feminina e só vendiam pra chineses. Então o problema é que com a pandemia, os próprios chineses só tinham negócios físicos, então meu pai que só vendia pra chinês, que só tinha negócio físico, acabou quebrando de novo. Porque ele não tinha flexibilidade no negócio dele. Então as lojas fecharam por conta da pandemia e meu pai não tinha pra ninguém vender, sabe. Então acabou falindo, e foi nessa hora que eu decidi fazer minha marca de roupa.³⁴

Diante da crise financeira dos pais, Ronaldo uniu sua paixão pelo *streetwear*, seus conhecimentos sobre esse tipo de moda e sua influência nas redes sociais, para fundar a SHUI, em 2020, cujas primeiras peças eram estoque parado do pai, e as seguintes, produzidas na fábrica dele. O ritmo frenético de conduzir a marca, marcar presença *on-line* e revender *sneakers* colocou os estudos em segundo plano – Ronaldo cursou o terceiro ano do ensino médio no ensino remoto, devido à pandemia, e não entrou para a faculdade, o que seus pais lhe “imploram” até hoje para fazer. O entrevistado considera essa insistência dos pais nos seus estudos mais um sinal de sua percepção limitada do contexto em que vivem. Comparando as possibilidades abertas pela faculdade e pelo empreendedorismo, Ronaldo considera que, no segundo, o “esforço e retorno é muito maior”. Sem sequer cogitar cursar o ensino superior, ele conclui que empreender “é a forma mais dolorosa e mais rápida” de ganhar dinheiro.

Num dado momento, o entrevistado esclarece que não despreza os pais, pelo contrário, reconhece seus conhecimentos e experiências nos negócios, mas que, simultaneamente, sabe que precisa superar as limitações do pai e da mãe:

Não é, tipo, desprezando meus pais. Eu amo eles (...) eles me deram também muitos ensinamentos muito bons, porque eles trabalhavam com empreendedorismo por muitos anos. Então eles já passaram por muita coisa, sofreram muita coisa, eles já são mais ligeiros, então eles sabem de muita coisa. Então eu aprendi muito as coisas com eles também. Só que eles não pegaram esses conhecimentos mais profundos de pessoas que eu vi que ganharam muito dinheiro.³⁵

O desapontamento com o conservadorismo e “cabeça fechada” dos pais vem acompanhado da certeza de como seu trabalho é fundamental para a família: “porque se um dia eu não acordar mais, eu não trabalhar mais, eu ficar doente por meses, minha marca parar de rodar, o negócio do meu pai vai quebrar de novo, não vai ter outra coisa pra fazer”³⁶. Mais uma vez, a segunda geração tem um nível de responsabilidade para com a família que é atípico para a idade, como o próprio entrevistado percebe: “Então, realmente é um peso muito grande nas minhas costas, isso tudo. Apesar de eu ter 19 anos”³⁷. Se prover o sustento dos filhos costuma estar no centro do projeto da imigração dos pais, como mencionado por Sayad, para Ronaldo os pais também são a força motriz de seus projetos: “eu faço isso tudo pelos meus pais”³⁸.

Ronaldo se inspirou na famosa frase de Bruce Lee, “seja como água, meu amigo”, para batizar a SHUI – o nome significa “água” em chinês mandarim, e a logo da marca é o caractere chinês correspondente. Além da homenagem ao ídolo das artes marciais, o nome também deseja para a marca a flexibilidade que o entrevistado crê que faltou aos pais, e a tantos outros empreendedores,

durante a pandemia de Covid-19: “porque a água ela é muito flexível, ela se molda ao formato, se tá num copo ela vira um copo, se tirar ela passa por rachaduras, ela entra nas rachaduras”³⁹. Se no início do empreendimento Ronaldo lançava as peças que julgava mais demandadas pelo público do *streetwear*, como calças cargo, com o desenvolvimento da marca passou a apostar em coleções com referências asiáticas, que se fazem presentes nos cortes inspirados pela *streetwear* chinesa (a que ele tem acesso por plataformas como a versão chinesa do aplicativo *TikTok*), além da própria logo da marca e nos modelos que apresentam as peças, em sua maioria amarelos. Na entrevista, ele contou que, para o ano seguinte, planejava coleções que seguirão nesta mesma linha e, em agosto de 2022, Ronaldo anunciou nas suas redes sociais que uma loja física da SHUI está prevista ser aberta nos próximos meses, no bairro da Mooca, em São Paulo, no segundo andar de um restaurante chinês. Na intenção de entender melhor a relação dos clientes da SHUI com a identidade da marca, perguntei ao entrevistado:

MV - E as referências asiáticas vão ser uma coisa que você vai continuar apostando então? Você acha que é um negócio que a galera curte?

RP – Sim, que eu vou investir cada vez mais e vou incluir cada vez mais na minha marca. Porque é uma coisa diferencial, apesar de tipo, a minha marca ter esse nome, ninguém sabe por que tem esse nome de Shui. Pessoal mais gosta porque vê um símbolo asiático e acha legal. Quanto menos eles entenderem o significado mais legal eles vão achar [risada].⁴⁰

Na análise dele, então, ao mesmo tempo que a identidade asiática é um diferencial da SHUI, esta muitas vezes é destituída de significado, da mesma maneira como tantas vezes a iconografia chinesa ou asiática são empregadas comercialmente. Quando proponho que esse uso indiscriminado e vazio de caracteres chineses e outros elementos talvez esteja em decadência, ao menos entre o público considerado, ele concorda: “Sim, hoje em dia, o pessoal da moda, eles gostam muito de lançamento ou criações de conceitos e coleções com significados. Com uma história por trás. Os designers em si, os mais renomados, todas as coleções que eles fazem têm uma história”⁴¹. De fato, a história de vida dos criadores tem importância especial para o público do *streetwear*, com predileção pelas trajetórias de superação, das marcas criadas “do zero” por sujeitos tradicionalmente excluídos da alta moda. Isso está evidente no sucesso da grife *Off-White™*, de Virgil Abloh⁴², talvez a principal representante do alto *streetwear* hoje; e mesmo na *AMBUSH®*, da coreano-americana Yoon Ahn⁴³. Ronaldo menciona ainda, entre suas referências, a brasileira *PACE™*, fundada em 2017 pelo neto de imigrantes okinawanos, Felipe Matayoshi, e que já acumula colaborações com grandes marcas de tênis como *New Balance* e *Vans®*.

Ainda que em meio a muitas continuidades, é inegável que o contexto de Ronaldo oferta um leque maior de significados possíveis à existência sino-brasileira, quando comparado ao primeiro grupo de entrevistados. Alguns destes demonstram sentir orgulho da trajetória particular dos pais e avós como imigrantes e empreendedores, porém, o seu “ser chinês” parece não carregar qualquer significado positivo a que seja interessante associar-se⁴⁴. Como um desses entrevistados contou sobre o que “ouve” por ser “chinês”: “Piada suja né que a gente tem que escutar, não assim de coisa boa, piada assim saudável, só falam coisa errada. Que nem é bom falar na entrevista isso [risada]”⁴⁵. Via de regra, esses entrevistados buscam afirmar-se como brasileiros, por vezes até com certa insistência e justificativas (a exemplo, um deles me disse que, se eu falasse por telefone com ele sem conhecê-lo, jamais diria que ele é “chinês”). Suas identificações (ou não identificações) se aproximam do que Jeffrey Lesser (2008) chamou de diáspora descontente⁴⁶: uma etnicidade que não implica uma identidade positiva com a China, que reivindica o Brasil como seu centro nacional, e cuja etnicidade é mais afirmada pelo meio do que pelo sujeito em si.

Segundo a teoria da assimilação segmentada, a assimilação não é um processo linear para todos os grupos imigrantes, podendo levar a trajetórias ascendentes ou descendentes, condicionadas por fatores como ocupações profissionais dos pais, constituição ou não de comunidades coétnicas e discriminação racial (PORTES et al., 2008). O tipo de aculturação que, na maioria das vezes, leva à “assimilação para baixo” é a que os autores chamam de aculturação dissonante. Nesta, os filhos rapidamente rejeitam a cultura dos pais à medida que introjetam a da sociedade de imigração, e, como consequência, há uma quebra na comunicação entre as duas gerações, tanto por questões linguísticas quanto emocionais, uma vez que, nesta ruptura, os filhos passam a ver a cultura dos pais como inferior ou embaraçosa. Portes acena para os efeitos subjetivos dessa ruptura nos filhos: “a americanização total tem o efeito de desconectar os jovens de seus pais e privá-los de um ponto de referência cultural a partir do qual podem basear seu senso de identidade e dignidade pessoal” (PORTES et al., 2008, p. 36).

Vivendo em um tempo em que a China (e demais países asiáticos, como a Coreia), ocupa papel geopolítico fundamentalmente distinto do que ocupava durante a juventude dos primeiros entrevistados, e em que o Brasil e o mundo passam por uma transformação cultural sobre raça (e que é antecipada por movimentos de vanguarda, como o *streetwear*), parece que Ronaldo encontra um contexto pelo menos um pouco mais favorável à sua existência fronteira do que os demais entrevistados. Não sem o considerável custo emocional de pertencer a uma família atravessada por esta fronteira e longe de desconhecer hostilidades racistas e xenófobas, suas condições de negociação permitem integrar-se ao Brasil sem abandonar uma identificação chinesa.

NOTAS

¹ Este artigo é uma apresentação de resultados preliminares da pesquisa de mestrado em andamento.

² Nenhum dos entrevistados se autoidentifica como sino-brasileiro, sendo o uso deste termo uma escolha minha. Nas entrevistas, eu me referia a eles como filhos ou descendentes de chineses. Eles, por sua vez, identificam-se a si mesmos (e aos seus pares de segunda geração) prioritariamente como brasileiros, mas, por vezes, também como chineses, dependendo do que demandava o contexto daquela fala em específico (se era necessário, por exemplo, identificar aquele sujeito como filho de chineses, ele é chamado de chinês). Enquanto isso, quando necessário diferenciar os chineses, estes são chamados pelos entrevistados de “chinês de verdade” ou “chinês da China”. Aqui, a minha escolha é nomear chineses apenas aqueles indivíduos nascidos na China, a fim de evitar incorrer no constante problema da estrangeirização dos descendentes de imigrantes leste-asiáticos, que, como ficou evidente em certos momentos, causa incômodo a pelo menos parte dos entrevistados. Ou então, quando estiver citando os entrevistados, usarei os termos “chinês” e “brasileiro” entre aspas.

³ Entrevista Lucilina.

⁴ Entrevista Mei Qim.

⁵ O pai ou o avô dos entrevistados migraram sozinhos em um primeiro momento e, após se estabilizarem, propiciaram a vinda do restante da família. Por isso, costumavam ter maior domínio do português do que suas esposas. A divisão do trabalho, ao que parece, por vezes aprofundava essa diferença.

⁶ Entrevista Milton.

⁷ Entrevista Mei Qim.

⁸ Entrevista Lucilina.

⁹ Entrevista Pedro.

¹⁰ Entrevista Lucilina.

¹¹ Entrevista Mei Qim.

¹² Entrevista Ronaldo.

¹³ Entrevista Pedro.

¹⁴ Entrevista Ronaldo.

¹⁵ Entrevista Ronaldo.

¹⁶ Entrevista Ronaldo.

¹⁷ Entrevista Ronaldo.

¹⁸ Entrevista Esther.

¹⁹ Entrevista Lucilina.

²⁰ Entrevista Pedro.

²¹ *Memes* podem ser definidos como peças de humor na forma de imagem, vídeo, porção de texto, entre outros, que são copiados (às vezes com alguma variação) e disseminado repetida e rapidamente por usuários da internet.

²² Entrevista Ronaldo. Legendas: RP - Ronaldo, MV - Maria Victória (entrevistadora).

²³ Agradeço à Mariana Felipe pela ajuda para contextualizar o *K-Pop* no Brasil.

²⁴ Explicando como se tornou um fenômeno nas redes sociais, Ronaldo chega a considerar que “ser asiático que fez eu bombar mais fácil”.

²⁵ Entrevista Ronaldo.

²⁶ Entrevista Lucilina.

²⁷ Entrevista Suzana.

²⁸ Entrevista Mei Qim.

²⁹ Entrevista Lucilina.

³⁰ Entrevista Lucilina.

³¹ Entrevista Lucilina. Grifo nosso.

³² Entrevista Ronaldo.

³³ Entrevista Ronaldo.

³⁴ Entrevista Ronaldo.

³⁵ Entrevista Ronaldo.

³⁶ Entrevista Ronaldo.

³⁷ Entrevista Ronaldo.

³⁸ Entrevista Ronaldo.

³⁹ Entrevista Ronaldo.

⁴⁰ Entrevista Ronaldo. Legendas: RP - Ronaldo, MV - Maria Victória (entrevistadora).

⁴¹ Entrevista Ronaldo.

⁴² Abloh fundou a *Off-White™* em 2012, e, em 2018, foi nomeado diretor artístico de

moda masculina da *Louis Vuitton*, sendo a primeira pessoa negra a ocupar o cargo e um dos poucos diretores negros à frente de uma grande *maison* francesa. Sua nomeação também simbolizou a diluição da fronteira entre o *streetwear* e o *high fashion*, ou alta moda. Abloh faleceu em novembro de 2021, aos 41 anos.

⁴³ Yoon Ahn fundou a *AMBUSH*® em 2008, junto de seu marido, o *rapper* japonês Verbal. Em 2018, Ahn assumiu o cargo de *designer* de joias da *Dior Homme*.

⁴⁴ Suzana foi a única entrevistada a mencionar o estereótipo de que chineses, ou “orientais”, seriam inteligentes – o que ela identifica como um essencialismo e portanto, uma associação limitadora e não benéfica. Ainda, ela descreveu de maneira feliz a sua cerimônia de casamento, realizada ao estilo tradicional chinês, o que ela considerou positivamente “diferente”, como a lhe conferir autenticidade. Podemos dizer que sua narrativa, portanto, se dissocia das demais nesse sentido. Porém, ainda diferente de Ronaldo, essa identificação não demonstra estar associada aos significados sociais da descendência chinesa, mas à sua experiência particular.

⁴⁵ Entrevista Milton. Mesmo quando confirmei que este não seria um conteúdo adequado à entrevista, ele preferiu não explicar o conteúdo das tais piadas sujas.

⁴⁶ Na referida pesquisa, Lesser (2008) tratou dos nipo-brasileiros envolvidos com o meio artístico e militante nas décadas de 1960-1980.

RELAÇÃO DE FONTES

Esther. Entrevista I. [maio 2022]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2022. 1 arquivo .mp3 (50 min.).

Lucilina. Entrevista I. [jun. 2021]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2021. 1 arquivo .mp3 (126 min.).

Mei Qim. Entrevista I. [ago. 2021]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.).

Milton. Entrevista I. [jul. 2021]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2021. 1 arquivo .mp3 (61 min.).

Pedro. Entrevista I. [jul. 2021]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Curitiba, 2021. 1 arquivo .mp3 (70 min.).

Ronaldo. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2022. 1 arquivo .mp3 (100 min.).

Suzana. Entrevista I. [set. 2021]. Entrevistadora: Maria Victória Ribeiro Ruy. Videochamada, 2021. 1 arquivo .mp3 (70 min.).

SAMPAIO, Ayrton. Veja o exemplo dêste brasileiro. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4865, p. 10, 26 de set. de 1971.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LESSER, J. **Uma diáspora descontente**: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PORTES, A. et al. (2008). Filhos de imigrantes nos EUA hoje. **Tempo Social**. Vol. 20, pp.13-50.

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

UENO, L. S. **Amores (des)racializados**: um estudo psicossocial dos casamentos de “amarelos” com negros e brancos em São Paulo. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

O presente artigo apresenta as narrativas de vida de duas “segundas gerações” da imigração chinesa ao Brasil e proponho uma análise comparativa entre elas. O primeiro grupo de entrevistados é constituído por 8 sino-brasileiros entre 40 e 60 anos de idade, cujas famílias se estabeleceram em Curitiba ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970, onde abriram pastelarias e lanchonetes. Todos nasceram e cresceram no Brasil, com exceção de Sérgio, que nasceu em Moçambique e se mudou para o Brasil na infância, após viver por um breve período em Portugal, e de Lucilina e Pedro que viveram por cerca de um ano em Hong Kong quando eram crianças, retornando para Curitiba em seguida. O segundo recorte é composto por Ronaldo, com 19 anos de idade no momento da entrevista, cuja família se mudou para o Brasil em meados da década de 1990 – Ronaldo nasceu no Brasil, sua família voltou à China após seu nascimento, para 3 ou 4 anos depois se estabelecer no Brasil novamente. Após passarem alguns anos em Minas Gerais, a família se mudou para São Paulo, onde apostou numa empresa de confecção de roupas masculinas, junto de um sócio. Hoje, continua atuando no ramo por meio da marca de *streetwear*, fundada por Ronaldo em 2020, a SHUI.

Palavras-chave: sino-brasileiros; segunda geração; trabalho; discriminação étnica e racial; cultura

ABSTRACT

This article presents the life narratives of two “second generations” of Chinese immigration to Brazil and proposes a comparative analysis between them. The first group of interviewees consists of 8 Chinese-Brazilians between 40 and 60 years old, whose families settled in Curitiba during the 1950s, 1960s and 1970s, where they opened pastry shops and snack bars. All were born and grew up in Brazil, with the exception of Sérgio, who was born in Mozambique and moved to Brazil as a child after living briefly in Portugal, and Lucilina and Pedro, who lived for about a year in Hong Kong when they were children, returning to Curitiba afterwards. The second cut consists of Ronaldo, aged 19 at the time of the interview, whose family moved to Brazil in the mid-1990s – Ronaldo was born in Brazil, his family returned to China after his birth, for 3 or 4 years later settle in Brazil again. After spending a few years in Minas Gerais, the family moved to São Paulo, where they invested in a menswear manufacturing company, together with a partner. Today, he continues to operate in the business through the streetwear brand, founded by Ronaldo in 2020, SHUI.

Keywords: Chinese-Brazilians; second generation; work; ethnic and racial discrimination; culture